



As pressões inflacionistas nos EUA estão a aumentar. O mercado irá fazer birras à medida que a Fed mostrar que está lá para subir juros.



RUI BÁRBARA
Gestor de activos do Banco Carregosa

Há condições para fazer as reformas que a Europa anseia, os emergentes estão a crescer. Há um ambiente bastante favorável.



PEDRO MIGUEL SANTOS
CIO da True Magma

Tem de se perder esse trauma [às acções], assim como perder o trauma que as empresas têm de ir para a bolsa.



RUI LEÃO MARTINHO
Bastónario da Ordem dos Economistas

O mercado americano registou um retorno médio de 11,5% por ano, nos últimos dez anos. Não é de admirar uma correcção.



JOÃO DUQUE
Professor do ISCTE



ACCÇÕES

Bolsa de Lisboa é pouco diversificada

Os especialistas destacam que é preciso atrair mais empresas para o mercado de capitais nacional e tornar a bolsa mais representativa da economia.

O bom comportamento da bolsa portuguesa no último ano e a descida do prémio de risco do país têm atraído um maior número de investidores para o mercado nacional. Mas o reduzido número de empresas cotadas em Lisboa continua a ser um entrave ao investimento. Para os especialistas, é preciso trazer mais companhias para o mercado de capitais português e tornar a bolsa lisboeta mais representativa da economia.

“O PSI-20 não é um índice diversificado”, realçou Rui Bárbara, na conferência sobre o “Futuro dos Mercados Financeiros”, organizada pelo Negócios e pelo Banco Carregosa. Questionado sobre oportunidades na bolsa lisboeta, o gestor do Banco Carregosa alerta para a necessidade de “haver um movimento de mais entrada de empresas em bolsa”.

“É preciso tornar a bolsa portuguesa mais alargada e mais representativa da economia.” Apesar de ter vivido um 2017 bastante positivo, a bolsa lisboeta continua a revelar-se incapaz de atrair novas cotadas para o mercado accionista nacional, depois de ter assistido à saída de importantes empresas nos últimos anos.

Pedro Miguel Santos, Chief Investment Officer da True Magma, realça que “o tecido empresarial português é de três ou quatro grandes empresas e pequenas e médias empresas”. E, por isso, é preciso ajustar a regulamentação à realidade empresarial portuguesa. Na opinião do especialista não é possível atrair companhias para

o mercado de capitais enquanto empresas de menor dimensão forem confrontadas com requisitos de 2.000 páginas e custos elevadíssimos.

Mas, se para dinamizar a bolsa são precisas empresas, para investir nestas empresas são necessários investidores. E Rui Bárbara admite que há um maior interesse da parte de fundos de investimento internacionais nas companhias portuguesas. Entre os investidores portugueses, os episódios dos últimos anos criaram uma crise de confiança que, segundo a presidente da CMVM, as novas regras para os mercados financeiros poderão ajudar a ultrapassar. ■

PATRÍCIA ABREU

18

COTADAS

O principal índice da bolsa de Lisboa, o PSI-20, conta apenas com 18 cotadas, menos duas que o número suposto.

POUPANÇA

“É preciso perder o medo às acções”

Rui Leão Martinho destaca que os investidores têm de assumir aplicações com algum risco e é necessário que a população volte a aprender a poupar, sobretudo para a reforma.

A taxa de poupança dos portugueses está em queda, mas mais do que nunca é fundamental pensar na reforma. Rui Leão Martinho, bastónario da Ordem dos Economistas, argumenta que os governantes têm de perceber que é preciso poupar e, do seu lado, os investidores precisam perder o medo às acções.

O grosso das poupanças dos portugueses está aplicado em depósitos a prazo. Estes produtos recolhiam, no final de 2017, cerca de metade (48,37%) das aplicações, com o valor investido em depósitos a crescer 474 milhões de euros para 142,7 mil milhões de euros, no último ano, segundo os dados do Banco Central Europeu. Mas Rui Leão Martinho, na grande conferência sobre o “Futuro dos Mercados Financeiros”, organizada pelo Negócios e pelo Banco Carregosa, defendeu que é preciso alterar hábitos de poupança.

“Os decisores têm de saber que é preciso poupar e a poupança tem de ser reaprendida pela população”, realçou o bastónario da Ordem dos Economistas. O especialista considera que a reforma é um tema cada vez mais relevante e que é fundamental que as pessoas façam os seus planos de pensões. Contudo, tratando-se este de um investimento a longo prazo, os aforradores devem privilegiar “aplicações com algum risco e perder o medo às acções”.

E, para Leão Martinho, não são apenas os investidores que precisam perder o medo às acções. “Tem de se perder esse trauma, assim como perder o trauma que as em-

presas têm de ir para a bolsa”, acrescentou o mesmo responsável. “É preciso retomar essa confiança. Há um trabalho a fazer de futuro.” Também João Duque destaca a importância da diversificação para activos de maior risco, referindo ainda a aposta em activos como o imobiliário, como alternativa às baixas taxas de juro dos depósitos.

Mas nem todos os investidores têm perfil para investir em acções. Por isso, o bastónario da Ordem dos Economistas lançou um desafio aos intermediários financeiros: desenvolver produtos de investimento simples, que garantam capital, mas com uma taxa superior à dos depósitos. ■

PATRÍCIA ABREU

0,2%

DEPÓSITOS

A remuneração oferecida pelos bancos nos novos depósitos é de 0,2%, um valor próximo de mínimos.